

## *Estela Okabayaski: Uma Professora*

Não há quem não a tenha visto, os cabelos absolutamente compostos, a roupa discreta, combinada e elegante, com o inevitável broche na lapela, maquilada e com os pés pequenos nos sapatos altos, descendo as escadas devagar, como quem, junto com a roupa, o tempo e o espaço brasileiros, envergasse um invisível quimono e calçasse cerimoniosos *zōris* (tamancos altos). Era assim: completamente apaixonada pelo Brasil e sua cultura mestiça, completamente dedicada a Londrina e à UEL e japonesa por definição. E talvez fosse essa mistura que permitiu que ela fizesse tantas coisas e tão bem feitas.

Aposentou-se da UEL em 2003, como Professora Titular, depois de estar presente desde os inícios da fundação dessa instituição; participou da implantação do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (que hoje integra o CECA/UEL), e do Núcleo de Estudos da Cultura Japonesa. Nunca, no entanto, se contentou com o que alcançava e, do seu jeito discreto, ia buscar algo sempre além: para melhorar seu desempenho como docente especializou-se em Filosofia da Educação e em Filosofia da Educação Brasileira e como foi, por três vezes, Chefe de Departamento, Diretora e Vice-Diretora do CECA e Diretora do NTE e do NECJ, buscou se especializar também, em Administração de Recursos Humanos e Tecnologia Educacional. Quando foi Diretora do NTE, o ampliou e reestruturou, abrindo espaço para a diversidade de serviços prestados.

Mas a Universidade, apesar do afinho cotidiano com o qual se devotava, ainda não era o bastante. Através de bolsa concedida pela Fundação Konrad Adenauer e pela OEA, foi fazer cursos na Argentina, Chile, Peru e México. Como Coordenadora do Programa de Teleeducação Capricórnio da Fundação Konrad Adenauer, Coordenadora do Programa ALATU da OEA e Coordenadora Nacional do Programa do Instituto para América Latina da UNESCO, implantou a VIDEOTECA e o estúdio de TV, bem como participou da produção de vídeos visando à integração da América Latina através do conhecimento da literatura e de renomados autores: “America:

palabra y imagen”. Queria ver o Campus da Universidade se espraiar, que fosse buscar horizontes e alunos mais longes: foi uma precursora, uma pioneira da Educação a Distância, buscando o estudante através do fax, do telefone, do correio eletrônico e postal – em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Brasília, Rondônia e pelas outras IES do próprio Paraná.

Mas a América Latina ainda não era o suficiente: ela queria ir tão longe que deu volta ao mundo: foi parar no Japão. Um outro lado do mundo que ficava bem aqui, no nosso vizinho, na nossa rua, no nosso quintal. Mas, apesar dessa proximidade, mal se conheciam: os japoneses, do Brasil, só sabiam o samba, o futebol, o índio, a onça, a violência; e os brasileiros também só conheciam a cultura japonesa dos clichês de gueixas, pagodes e samurais. Assim, em 1978, Estela Okabayski começou o que viria ser seu grande projeto de vida: estabelecer laços reais e duradouros de contato, compreensão e interesse entre brasileiros e japoneses.

Começou a assessorar a UEL em Assuntos Japoneses e buscou convênios de intercâmbio universitário com a Associação de Intercâmbio Brasil-Japão (Tóquio), com a Universidade de Meio, em Okinawa (visto a grande quantidade de okinawanos em Londrina), com a Universidade de Kobe e com a Universidade Himegi. Recebeu bolsas de estudos da Mombukagakusho, da JICA, da Fundação Japão, da JSPS e da JET. Organizou cursos, encontros, simpósios e seminários para a divulgação da Cultura Japonesa e trouxe centenas de estudantes do Japão para que aprendessem sobre a Cultura Brasileira, procurando docentes da UEL que os tutorassem, apoiando-os nos seus estudos da língua e da realidade brasileiros – muitos voltaram ao Brasil depois e todos saíram daqui, aos prantos, com mil amigos, trocando cartas e experiências até hoje.

Foi membro da Comissão das Cidades Co-irmãs Londrina-Nago e Londrina-Nishinomya e lançou a semente do sonho da construção da sede do NECJ na UEL, para o qual foi buscar recursos nas prefeituras japonesas. E, de certa forma, inevitavelmente, deu voz à sua preocupação com os brasileiros, descendentes de japoneses que vão trabalhar no Japão, e assumiu a Coordenadoria da

Pesquisa Documental sobre os Dekasseguis Brasil-Japão pela Associação Brasileira de Dekasseguis, Curitiba, Paraná.

E eis que o tempo, mesmo tão rico e ocupado, se finda: a aposentadoria. Mas não é o fim do trabalho, pelo contrário, é a continuação dos projetos: assume, como voluntária, a direção do Departamento de Informação e Apoio ao Dekassegui e a do Centro Educacional da Aliança Cultural Brasil-Japão. É Presidente do Conselho Deliberativo da APAEX, Regional de Londrina, e participa da Central em Curitiba; é Colaboradora da Associação Brasileira de Dekassegui em Curitiba e Assessora da Associação Pró-Memória de Londrina. Não tem tempo para nada, está sempre viajando e resolvendo coisas. Está sempre ensinando, aprendendo, participando, construindo, ajudando algo a crescer.

Por isso a denominei – uma professora. Porque ser professora é ser capaz de abrir espaços para que outros aprendam a construir existência e conhecimento. É ser um referencial. Quando os japoneses se referem ao professor, o fazem com o maior respeito – mas maior mesmo –, um respeito como o que se deve aos pais, aos antepassados e ao Imperador. Porque ser professor é ser capaz de inaugurar tempos nos quais as pessoas aprendam a construir vida e sabedoria. Ser professor – como a Prof.<sup>a</sup> Estela Okabayaski Fuzii vem sendo – é, mais que professor, ser *sensei*.